



Evento: XXVI Jornada de Pesquisa

REPRESENTAÇÕES DE SI NOS DISCURSOS DA FEMINISTA NEGRA DJAMILA RIBEIRO NO INSTAGRAM¹

REPRESENTATIONS OF YOURSELF IN THE SPEECHES OF THE BLACK FEMINIST DJAMILA RIBEIRO AT INSTAGRAM

Cauana Peyrot Conceição², Caterine de Moura Brachtvogel³

¹Artigo desenvolvido na disciplina Educação Contemporânea- Programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências- UNIJUI;

² Doutoranda do Curso Programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências- UNIJUI;

³ Doutora em Educação nas Ciências- UNIJUI

RESUMO

Este artigo aborda a temática das representações de si no discurso de feministas negras no Instagram. Questionamos: Como se dá as representações de si nos discursos de feministas negras? De que forma a rede social digital instagram têm potencializado estratégias discursivas e formas de visibilidades para o feminismo negro? Na produção dos dados aplicamos o método não-probabilístico, num período de 30 dias, e o material foi produzido via PrintScreens de publicações, e realizada uma análise discursiva foucaultiana. Compreendemos que a nova onda do feminismo está unindo as mulheres por meio de sus representações de si e de suas experiências e demandas em comum. É através de espaços que permitem a difusão das representações de si e a interação rápida e fluida entre os sujeitos como as redes sociais digitais que temos uma melhor organização de lutas políticas, o que produz em certa medida, um novo feminismo.

Palavras-chave: Feminismo negro. Discurso. Representações de si.

ABSTRACT

This article addresses the theme of representations of the self in the discourse of black feminists on Instagram. We question: How are the representations of themselves in the discourses of black feminists? How has the Instagram digital social network leveraged discursive strategies and forms of visibilities for black feminism? In the production of data, we applied the non-probabilistic method, in a period of 30 days, and the material was produced via PrintScreens of publications, and a foucaultian discursive analysis was carried out. We understand that the new wave of feminism is bringing women together through their representations of themselves and their common experiences and demands. It is through spaces that allow the diffusion of representations of the self and the quick and fluid interaction between subjects such as digital social networks that we have a better organization of political struggles, which to some extent produces a new feminism.

Keywords: black feminism. Speech. Representations of you.



INTRODUÇÃO

As tecnologias contemporâneas, como as redes sociais digitais, têm contribuído para o desenvolvimento de novos atores e movimentos sociais, destacamos aqui como um desses movimentos, o feminista. Neste artigo discutimos a efetivação do ativismo feminista na última década do século XXI nas/pelas redes sociais digitais, a partir da representação de si nos discursos do feminismo negro no instagram. Consideramos que as redes digitais e seus embates parecem tensionar a questão do silêncio a que historicamente as mulheres estiveram submetidas.

A histórica ausência da mulher, marcada pelo que Perrot (2005) chama de constitutivo da história vem aos poucos se movimentando numa direção de maior participação. Mesmo com a falta de espaços de discursos ao longo do tempo proporcionada pelo silenciamento das mulheres, que as impediu de assumirem seu valor na construção da história, sua classe, seu país, na produção econômica e política, hoje visualizamos novos espaços de fala, mais democráticos e acessíveis, que se configuram através da internet e as redes sociais digitais.

Aos poucos, nos momentos que se ocupam os novos lugares de fala, as mulheres instauram-se no diálogo político, rompem domínios para que se promovam espaços para o discurso feminista. Holanda (2018) apresenta em sua obra ‘Explosão Feminista’ que esse momento atual do movimento, o qual nomeia de quarta onda do feminismo, se dá em partes pelas redes sociais digitais. Há uma disseminação discursiva e das representações de si nas redes sociais digitais, pensada como uma cultura em trânsito que educa e produz fissuras e reorganiza alguns estereótipos de gênero, nos modos de ser homem e ser mulher

Esse artigo busca abordar os contornos que o ciberfeminismo negro tem alcançado a partir das representações de si e com a inserção nas redes sociais digitais, na abrangência e na propagação de informação através da produção discursiva e de publicações no Instagram. O ciberativismo não restringe-se às redes sociais digitais, porém é um reflexo dos acontecimentos, influenciados pelo mundo off-line. Para Castells os

[...] movimentos sociais e políticas insurgentes têm a chance de adentrar o espaço público a partir de múltiplas fontes. Usando ambas as redes de comunicação horizontais e os principais meios de comunicação para transmitir suas imagens e mensagens, eles aumentam suas chances de tornar válida a mudança social e política (2009, p. 302).

Compreendemos as mídias digitais – dentre elas as redes sociais – e a internet como formas de agregar e intervir social, que por meios digitais-*online*-virtuais permitem estabelecer



diálogos constantes com pautas sociais dos sujeitos, o que funciona como uma arena dialógica e comunicacional (HOLLANDA, 2018), um ciberfeminismo. O ciberfeminismo é um movimento multifacetado e pluralizado, com atuações no campo teórico, e intervenções mais práticas e políticas. Por meio da conectividade proporcionada pelas redes há uma certa democratização dos espaços de fala, e também de discussão das pautas dos movimentos feministas. Há um suporte e uma sustentação, via redes sociais digitais, que possibilita as discussões de gênero, e nisso, as posições feministas têm produzido uma interação entre os campos das ciências políticas e do ativismo.

Dentre os ciberfeminismos, escolhemos aqui, discutir acerca da visibilidade proporcionada pelas redes sociais para o movimento feminista negro no Brasil, e suas diversas pautas. O feminismo negro tem se apropriado das discussões de uma análise interseccional, cunhado em 1989, por Kimberlé Crenshaw. O feminismo negro trata da maneira pela qual o racismo, a opressão de classe, o patriarcalismo e outras configurações discriminatórias criam repertórios de desigualdades e que estruturam as posições de mulheres. No Brasil, o feminismo negro passa a ganhar força nos anos 1980, o qual se estabelece a partir do III Encontro Feminista Latino-americano, que aconteceu em Bertioga/SP em 1985. Emerge aqui a organização atual de mulheres negras com expressão coletiva com a finalidade dar visibilidade política no campo feminista (WERNECK, 2003).

Falamos em visibilidade ao feminismo negro e das representações de si nas redes sociais, pois historicamente, as mulheres negras vêm refletindo sobre a “categoria mulher” – pauta do feminismo – de uma maneira não universal, ao considerar a raça/etnia e classe social também como marcadores desta categoria. A partir de um olhar étnico-racial, o movimento feminista negro e suas lutas, buscam ampliar o acesso cultural, social e político dos sujeitos negros. Assim, destacamos as contribuições teóricas e analíticas de feministas negras, as quais põem em pauta a emergência das questões de raça, classe e outras configurações discriminatórias.

O acesso de forma mais democrática por meio das redes sociais digitais, potencializa ao feminismo negro, e em especial às mulheres negras, a produção de um espaço de fala, que culturalmente e historicamente lhes foi negado. O exercício de contar a sua narrativa ainda tem sido um desafio para a população negra, uma vez que o processo histórico colaborou para a exclusão social desse segmento, para a negação de direitos e das condições de produção,



alicerçadas na perspectiva do branco colonizador, da sociedade machista e racista, que relegou aos negros e negras posições subalternizadas na sociedade (CONCEIÇÃO, 2020).

O processo de formulação e desenvolvimento de um feminismo negro foi semelhante ao movimento negro no Brasil como um todo, no qual ainda prevalecia as posições masculinas e as mulheres não tinham poder de decisão. Assim, as mulheres negras passaram a reivindicar, para que suas pautas fossem levadas e consideradas para as instâncias de decisão (violência, gênero, direitos reprodutivos, construção de creches). No entanto, nos movimentos feministas a questão racial por vezes, era invisibilizada, as questões relacionadas às mulheres eram generalizadas, desconsiderando as especificidades e as opressões a que as mulheres negras estavam submetidas. Somos “sujeitos e assujeitados a um mundo patriarcal que o feminismo vem questionar. Um mundo conservador que se abala com a mais leve pluma de crítica.” (TIBURI, 2018, p. 11) Nas palavras de Márcia Tiburi o feminismo é

[...] o desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado. Nesse processo de subjugação, incluímos todos os seres cujos corpos são medidos por seu valor de uso: corpos para o trabalho, a procriação, o cuidado e manutenção da vida, para a produção de prazer alheio, que também compõem a ampla esfera do trabalho na qual está em jogo o que se faz para o outro por necessidade de sobrevivência (TIBURI, 2018, p. 12).

Assim, “no Brasil, a distinção de gênero não pode ser compreendido de modo adequado sem considerar-se a questão racial. Na hierarquia da renda, o primeiro fator determinante é a raça, depois o gênero” (NASCIMENTO, 2003, p. 117). Para o autor, as mulheres brancas estão em posição privilegiada comparadas aos homens negros, e as mulheres negras apresentam os menores níveis na escala de renda e emprego. Frente a essas diferenças é que se fez necessário o surgimento de um feminismo negro, no qual as mulheres negras pudessem buscar um feminismo que levasse em consideração suas experiências como mulher e como sujeita negra.

Desse modo, “o pensamento feminista negro seria então um conjunto de experiências e ideias compartilhadas por mulheres afro americanas que oferecem um ângulo particular de visão do eu e da comunidade e da sociedade, ele envolve interpretações teóricas da realidade de mulheres negras” (BAIROS, 1995, p. 6). A partir de um pensamento que estimula que as mulheres negras escrevam suas histórias e onde a experiência é o centro que orienta a produção das teorias, as produções têm conseguido conduzir outras mulheres negras a buscar na literatura a resposta para os seus anseios.



Silva (2018, p. 253) afirma que a roda não foi inventada agora e o movimento negro na internet e nas redes sociais faz um reconhecimento do que mulheres negras de gerações anteriores já realizaram, pois “[...] ações e construções políticas sólidas e transformadoras vêm sendo realizadas há décadas, por meio de debates, ações formadoras, intervenções na área da educação, saúde, cultura, direito, [...] além de ações afirmativas”. Entendemos que essa disseminação, referente ao movimento feminista e também do movimento feminista negro produzem aprendizagens culturais e sociais, considerando o que já foi produzido por gerações anteriores, que permitem alçar vôos mais seguros (SILVA, 2018).

Os feminismos no Brasil se fizeram mais evidentes nos anos de 2014 e 2015, a partir do uso das redes sociais digitais e hashtags, ao envolver em debates e campanhas internacionais a partir da utilização das hashtags #heforshe, criada posterior ao discurso da atriz Emma Watson, a qual pedia a participação dos homens no movimento feminista; e #askhermore, que solicitava que jornalistas realizassem perguntas às atrizes, sem considerar apenas a sua aparência. Passado este primeiro momento, o Brasil passou a ter seu próprio protagonismo, considerando as campanhas pioneiras #naomerecoserestuprada, #euprecisodofeminismo, #primeiroassedio e #meuamigosecreto, amplamente divulgadas nas mídias digitais e levantando debates acerca das diferentes violências de gênero que as mulheres sofrem, sendo uma das formas de representações de si a partir das redes.

Aqui compreendemos as representações de si, como um conjunto de imagens, conceitos do ‘eu’ construídas pelo próprio sujeito. Nessa direção, La Taille (2006) entende que as representações de si são interpretações sobre si, as quais estão relacionadas às assimilações cognitivas e de aspectos afetivos. As representações de si são plurais, uma vez que “não fazemos apenas uma representação de nós, mas várias, que podem até ser contraditórias entre si” (LA TAILLE, 2006, p.55).

As representações de si podem possuir valores negativos ou positivos, os quais se relacionam ao olhar do outro sobre si. Diante disso, La Taille (2004) compreende as representações de si a partir de juízos alheios “implica a não independência das representações de si em relação aos juízos alheios, mas também não pressupõe uma constante aceitação destes, mas sim um embate entre as imagens que a pessoa tem de si, e os juízos positivos ou negativos de outrem” (p. 72). Assim, as representações de si de valor positivo estão associadas à autoestima ou ao autorrespeito, que aqui são analisados a partir das redes sociais digitais.



A seguir, apresentamos os caminhos metodológicos da pesquisa.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para responder à questão de pesquisa e a partir do movimento feminista negro em rede, o corpus de análise centrou-se no Instagram, a partir da página de feministas negra Djamila Ribeiro, por entendermos que esse movimento em rede educa e possibilita certa visibilidade para as representações de si e para o ciberfeminismo. Neste espaço de circulação e compartilhamento de imagens que é o Instagram, buscamos unir referenciais conceituais e técnicos, que serão abordados na análise a seguir, para subsidiar um entendimento acerca de três publicações. A produção dos dados ocorreu na seleção da amostra de publicações, realizada por método não probabilístico (SILVA, 2013), refinando-se ao longo do processo, até fechar-se nas três postagens.

Tal seleção implicou-se na criação de três princípios de inclusão. O primeiro foi a utilização de perfis públicos; o segundo foi a utilização da hashtag #feminismonegro nas publicações, a escolha dessa hashtag se deu por causa da sua abrangência e potencialidade (que será discutida posteriormente na análise); e o terceiro princípio era que o perfil fosse de mulher feminista negra. Para captura das publicações foi utilizado o recurso de *PrintScreen*, que é a captura de tela, realizada pelo computador, na versão do Instagram para computadores.

Para a análise dos dados produzidos optamos pela análise do discurso foucaultiana, que funciona aqui como uma ferramenta analítica, no sentido de pensar e ver o que há de “mais” em discursos e enunciados do feminismo negro a partir das publicações no Instagram.

Foucault (2008) ensina com a análise do discurso, ver a “coisa e o já-dito” no âmbito de existência dos discursos. Faz-se necessário a partir das palavras e das coisas, problematizar a produção dos sentidos atribuídos, que se dão por meio da materialidade das linguagens, em movimentos discursivos e produção de identidades/subjetividades. A linguagem opera no que tange ao humano, numa reflexão individual, no qual o próprio sujeito é posto diante de si, permitindo-lhe ordenações e representações.

Tomamos o enunciado, além de uma emergência, como um átomo do discurso, que tem a “função de existência”. Ele se constitui sobre unidades como a proposição, a frase e o próprio ato de linguagem. Não pode ser entendido como uma unidade singular ou ser confundido com uma frase, pois o enunciado se encontra na transversalidade das frases e dos atos de linguagem



(FOUCAULT, 2000). Os enunciados a serem analisados vão ser tratados como acontecimentos no interior de um arquivo, no qual cada um possui sua singularidade e regularidade num domínio de memória e vai manter relações com outros enunciados da mesma formação discursiva (FOUCAULT, 2008).

Para Foucault (2012), o discurso tem desempenhado um papel de controle, restrição e verificação das regras de poder em diferentes períodos históricos e grupos sociais. O discurso pode ser conceituado como uma rede simbólica, que está conectada a muitos outros discursos - ou a muitas outras redes de discurso - em um sistema aberto que registra e replica e estabelece uma sociedade específica. Os valores que os fazem viver para sempre.

O discurso não é uma cadeia lógica de frases e palavras cuja intenção em si tem significado, mas uma ferramenta importante para a construção de uma organização funcional de um determinado imaginário social. Ele - o discurso - não é mais um representante do significado pelo qual as pessoas lutam e / ou debatem, mas uma ferramenta do desejo. “o discurso, longe de ser [...] [um] elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica [...] [é, antes,] um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes” (FOUCAULT, 2012, p. 9).

Foucault (2010) propõem pensar as singularidades discursivas, considerando fatores como: a verdade e tempo, uma vez que não existem verdades definitivas, procuramos com olhares alargados perceber onde estes discursos têm lugar, que posições de sujeito são ocupadas e como os atores se movimentam nessas posições definidas, quem fala e que espaços ocupam. “Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 2012, p.50).

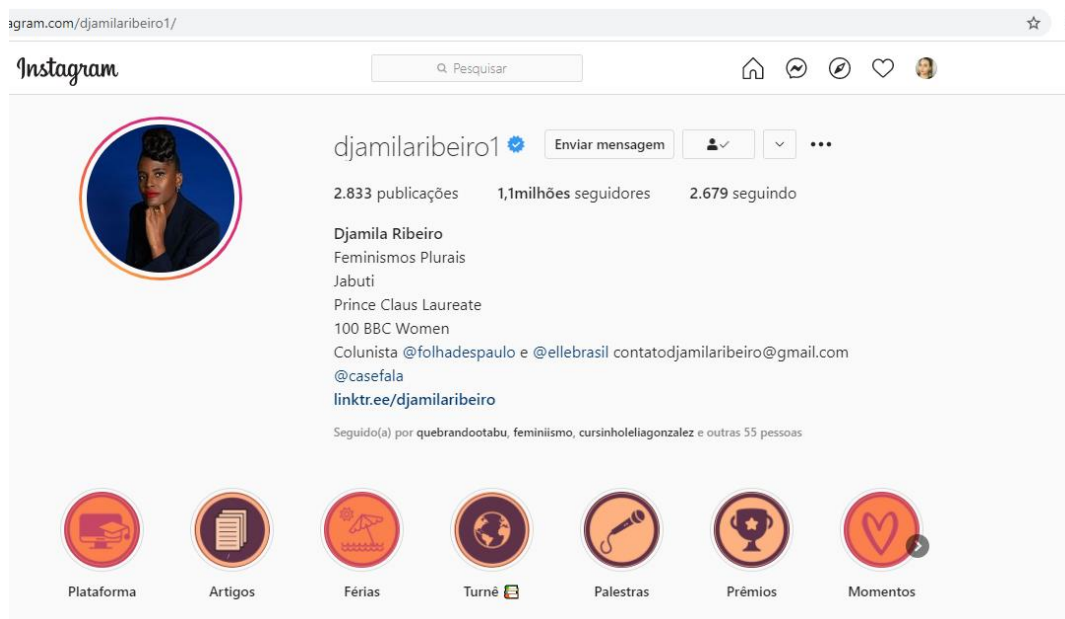
Por conseguinte, observamos um princípio de especificidade, na qual o discurso pronunciado por autores validados não torna os significados propostos verdades universais e absolutas, a fim de compreender a rede de significantes, estabelecida exteriormente e sobreposta no discurso analisado.

Na sequência apresentamos o conjunto das análises, com as postagens organizadas sequencialmente conforme foram selecionadas.

DISCURSOS NO INSTAGRAM: FEMINISMO NEGRO A PARTIR DO INSTAGRAM DE DJAMILA RIBEIRO

Djamila Ribeiro é uma filósofa e feminista que se dedica ao estudo do feminismo negro, escritora e acadêmica brasileira. É pesquisadora e mestra em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo. Tornou-se conhecida no país por seu ativismo na Internet, e atualmente é colunista do jornal Folha de S. Paulo. Suas postagens são pessoais e profissionais, conforme apresentamos na imagem a seguir:

Figura 01: Perfil no instagram Djamila Ribeiro



Fonte: <https://www.instagram.com/djamilaribeiro1/>

Percebe-se inicialmente que a dimensão pessoal não é o conceito dominante em sua página, mas é recorrente e alternado com as postagens profissionais. No discurso de Djamila (Figura 2), há trechos que descrevem sua trajetória de vida e, muitas vezes, desconstruem o conceito de mulher frágil para reformular a imagem e as representações de si. O pronome pessoal eu e o pronome possessivo meu são usados com muita frequência, e acredita-se que seja importante neste caso:



Figura 02: Publicação no Instagram Djamila Ribeiro



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CRAhwiZLVUb/>

A publicação acima no dia 17/07 tinha 47,5 mil curtidas e 1.017 comentários. A legenda da foto publicada por Djamila Ribeiro (2021) na íntegra é:

Observo e entendo quem se preocupa com as mudanças nessa rede social, sobretudo quem precisa exclusivamente para trabalho. Porém, falando por mim, não quero ser demandada. Estou há anos produzindo conteúdo aqui, trazendo reflexões, indicando e divulgando trabalhos. Muita coisa mesmo. Mas **minha** produção começa antes de redes sociais, tenho formação política de movimento social, fui professora de cursinho Comunitário, tenho 4 livros publicados, tradução para três idiomas, publiquei mais 13 de outros autores e autoras e tem mais 2 no prelo. Além de coordenar um selo editorial, coordeno uma plataforma de cursos a preços acessíveis, com intelectuais incríveis, disponibilizando conteúdos críticos. Pequeno Manual Antirracista está na lista de mais vendidos desde sua publicação, mesmo eu tendo um número infinitamente menor de seguidores do que pessoas que publicaram livros recentemente. Não é só sobre isso. Reconhecimento é diferente de fama. Antes da pandemia, **participei de centenas de eventos, só em 2019 foram 174** em todas as regiões do país e em várias do mundo, dialogando com as pessoas, doando livros, estabelecendo trocas. Nesse momento de pandemia, ficamos mais dependentes das redes, de fato. Mas não quero e não vou mudar a forma como me comunico aqui. Também não quero e não vou falar sobre o que não quero, independente se vai engajar ou não. Não quero estar sempre à disposição, já produzimos tanto...

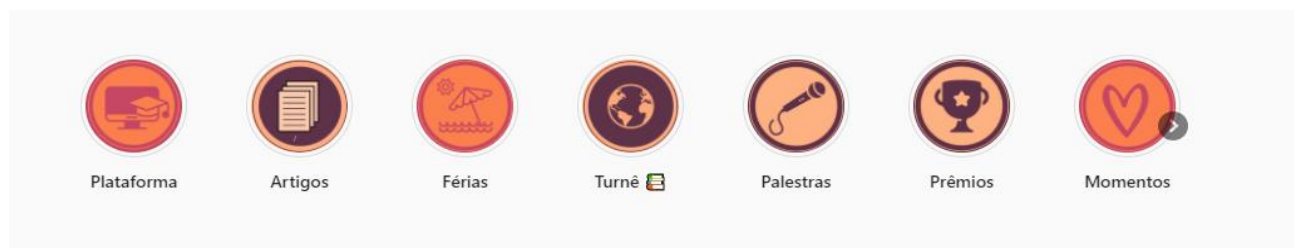


Repito: entendo a preocupação de quem depende, mas minha vida não se resume a essa plataforma. Como diz minha irmã Grada Kilomba: quero ter a liberdade humana de ser eu. E assim será. Posto uma foto porque vi que fotos perderam engajamento... (grifos nossos)

A autora usa o pronome possessivo "minha" para enfatizar que as obras e os textos são de sua autoria. Historicamente, as mulheres eram proibidas de escrever, então elas usavam pseudônimos e, muitas vezes, alguns homens assumiam seus trabalhos e ganhavam todas as honras por eles. A publicação mostra que ela está na posição de um agente, a qual escreve e vive de suas obras, publicações, livros, etc. Percebemos aqui que o fato de assumir a autoria de suas obras é um fator empoderador e relevante na vida das mulheres, as quais podem ter seus trabalhos reconhecidos, em especial, no caso de Djamila, mulher e negra, duplamente discriminada, fruto de uma sociedade historicamente racista, que negou e ainda nega direitos e oportunidades igualitárias às diferentes raças.

A sociedade da contemporaneidade, ainda nega direitos e oportunidades iguais para diferentes raças. É importante notar que o texto escrito na primeira pessoa é uma característica da plataforma digital Instagram e ajuda a construir as representações de si que a autora pretende transmitir ao interlocutor; e usando a postagem nas diversas ferramentas do Instagram. Observe a Figura 3, que segue:

Figura 03: Destaques dos storys do perfil no instagram Djamila Ribeiro



Fonte: <https://www.instagram.com/djamilaribeiro1/>

A Figura 03 apresenta os “Stories” adicionados aos destaques principais no perfil de Djamila. Compreendemos que ao apresentar seu cotidiano e trajetória no discurso, estrategicamente fez com que o público se sentisse mais próximo da filósofa, entendendo sua posição no meio acadêmico e ao que ela se dedicou em um determinado momento, bem como acompanhar os destaques de suas férias, palestras, prêmios, etc. Esses elementos ajudam a construir o espírito dos especialistas, que de certa forma, seus seguidores acompanham seu



desenvolvimento acadêmico (se são pós-graduandos, mestres, doutores, publicações, palestras.) e entendem suas obras e trabalhos.

Os interlocutores sempre a elogiam e compartilham seus pensamentos, principalmente interagindo com a autora por meio de reações e comentários no Instagram, reações favoritas e interações na história. Durante a análise, percebemos o sentido de identidade e o aprimoramento de sua interlocutora, fenômeno que apareceu repetidamente nas postagens. Os comentários nas postagens de Djamila, que contêm elogio e observações positivas são os que mais surgem, termos como: “orgulho”, “linda”, “representatividade” e “parabéns”. A trajetória de desenvolvimento e popularidade de Djamila é considerada uma conquista da ancestralidade negra, representando a luta por direitos iguais e popularidade da cultura negra por muitos anos.

Ao mostrar no Instagram suas representações de si e ao conquistar seu lugar de fala, permite que muitas jovens também o conquistem, ou saibam que esse lugar é onde são possíveis: seu interlocutor se sente representado no discurso, na mesma medida em que a autora constrói confiança e persuasão entre seus leitores. Na maioria das vezes, seu público concordou com sua declaração e usou trechos de seu discurso para reiterar sua posição. A filósofa interage com seus seguidores por meio dos comentários aos quais ela respondeu. Djamila faz questão de agradecer os comentários, acrescentar, refutar, mostrando-se aberta às opiniões alheias e pronta para discutir os tópicos que se apresentam como necessários.

Figura 04: Publicação no Instagram Djamila Ribeiro



Fonte: https://www.instagram.com/p/CQ2Kmh7r_0d/



A publicação de Djamila (Figura 4) confirma a credibilidade que a autora estabeleceu em sua trajetória e, ao mesmo tempo, confere sua legitimidade, “Foi incrível ser entrevistada”, esse discurso prova que, além disso, suas obras estão sendo reconhecidas em outros países. Em suma, essa construção de uma imagem positiva, percebida pelas suas particularidades discursivas, torna-se fundamental na construção das representações de si. Sem essa imagem de si, suas palavras estariam desprovidas de legitimidade e credibilidade diante do seu público de seguidores. A legitimidade da imagem construída se efetiva pela credibilidade de suas ações.

Para Dutra (2018, p. 24) as redes sociais digitais são “[...] uma ferramenta para diminuir distâncias, encontrando assim as diversas demandas políticas, sociais e culturais”. As mulheres apropriam-se dessa condição das redes sociais digitais e usam ao seu favor, quando compartilham suas histórias, comunicam suas angústias, denunciam crimes e se identificam com um movimento como o feminismo. Ao ocorrer essa união por uma identidade feminista e de certa racionalidade política, é que se fortalece e se estabelece o que podemos chamar de “novo” feminismo, pois o novo caminho que está sendo traçado é mais plural e democrático, desconstruindo imaginários em relação ao movimento feminista das ondas anteriores.

Estamos em um tempo histórico em que a racionalidade política se constitui numa “racionalidade da gestão do indivíduo” (FOUCAULT, 2010a, p. 319), ou seja, certo tipo de política que faz funcionar as instituições sociopolíticas, mas também coloca em funcionamento a conduta das pessoas a partir de um regime de verdade constituído de saberes e relações de poder.

Assim, o modo como as pessoas se conduzem, como elas pensam e como elas produzem a si mesmas tem relação com um modelo de racionalidade que constitui a arte de governar do neoliberalismo. Entendemos que é esta captura por uma racionalidade política que hoje vem legitimando os processos representações de si do feminismo negro no Instagram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a nova onda do feminismo está unindo as mulheres por meio de suas representações de si e de suas experiências e demandas em comum. É através de espaços que permitem a interação rápida e fluida entre os sujeitos como as redes sociais digitais que temos uma melhor organização de lutas políticas, o que produz em certa medida, um novo feminismo. Entendemos, que o fato de a autora deixar transparecer seus sentimentos não



interfere na credibilidade e legitimidade de seus discursos (por meio dos diplomas acadêmicos), reafirmada com as suas ações enquanto sujeitos sociais, especialmente através de seus discursos.

Concluimos que Djamila se utiliza das redes sociais digitais, como o caso do Instagram como ferramenta discursiva, objetivando o empoderamento das mulheres. É importante, compreender que, de certa forma, as feministas negras, como Djamila Ribeiro, são condutoras de uma autoridade que aconselham e influenciam seus leitores e seguidores. Observamos que em seu perfil, a autora assume uma postura de valorização das diferentes culturas. Por meio dos discursos analisados, compreendemos que os sujeitos discursivos têm a intenção de provocar um efeito ou ação em seus interlocutores, em outras palavras, levar o leitor a certos fazeres: fazer agir, fazer refletir, a fim de modificar a estrutura heteronormativa.

Nessa direção, são as redes sociais digitais que extrapolam as fronteiras do espaço e com isso, quando mulheres dos mais variados grupos sociais, de diferentes religiões, raças/etnias e gêneros se unem num movimento, se subverte o processo de comunicar e resistir. As minorias ganham espaços e tornam-se as centralidades do novo feminismo. Há uma adequação às demandas e pautas ligadas dos diferentes grupos sociais. É a união num e por um movimento que reverbera aos cantos do planeta a busca pelo reconhecimento, pela mudança das estruturas que sustentam instituições e práticas de uma sociedade dita moderna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIROS, L. **Nossos feminismos revisitados**. In: Dossiê Mulheres Negras – Matilde Ribeiro (org). Revista Estudos Feministas, Florianópolis/SC, CFH/CCE/UFSC, v.3 n. 3, 1995, pp.458-463.

CONCEIÇÃO, C. P. **Trajetórias de escolarização de um grupo de jovens negras no município de JÓIA/RS**. 2020 -94p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI – Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências. Ijuí, 2020.

DUTRA, Zelia Aparecida Pereira. A primavera das mulheres: Ciberfeminismo e os Movimentos Feministas. **Feminismos**, Salvador/BA, n. 2, v. 6. Mai./Ago. 2018.



FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, M. **Governo de si e dos outros: curso no Cullege de France(1982-1983)** /

Michel Foucault; tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e univerisidade**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PERROT, Michele. **As Mulheres e os silêncios da História**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

NASCIMENTO, E. L. **O Sortilégio da cor: Identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003.

SILVA, C. **Feminismo negro**. In: HOLLANDA, H. B. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.